

O FRIULANO

SÉRGIO MAGNANI
Escola de Música / UFMG

Antes de falar explicitamente da língua friulesa (ou friulana), parece-me oportuno dar uma noção rápida dessa região italiana, ainda pouco conhecida aqui, e da sua história. A região norte-oriental da Itália foi conquistada pelos romanos a duras penas, devido à feroz resistência dos Cárnicos, população celta que ocupava o território. Depois de muitas lutas, a conquista romana foi consolidada por Julius Cesar, que julgou oportuno lá estabelecer um fortíssimo presidio romano em Aquiléia (cidade das águias das legiões romanas), que rapidamente se tornou uma das cidades mais importantes do império. Deste período de lutas entre romanos e cárnicos ainda restam traços na toponomástica: de fato, ao sul de um paralelo ideal que passa pela cidade de Udine, atual capital, cidades, vilas e povoados têm a terminação romana em -anus (Rivignano, Cervignano, Montalbano etc.) enquanto os lugares ao norte da mesma linha ideal têm a terminação celta em -ac (Cassacco, Pagnacco, Tavagnacco, a ser confrontada com a toponomástica francesa do tipo Cognac, Armagnac, Brissac etc).

Mais tarde, sob a pressão das invasões bárbaricas, foi da região de Aquiléia (então porto de mar e hoje afastada cerca de 10 quilômetros do Adriático) que saíram os fugitivos, fundadores de Veneza. Mas Aquiléia manteve a sua

importância, dominando o território friulano cuja romanidade permanecia no próprio nome (Friuli, de Forum Juli, ou cidade de Júlio Cesar). O território era então governado por um Patriarca de nomeação imperial, freqüentemente francês, assistido por um Parlamento eleito pelo povo, o primeiro parlamento, portanto, da história (vejam-se a este respeito os estudos do ilustre constitucionalista friulano Pier Silveiro Leitch). A vinculação com o Império foi, portanto, sempre estreita; e os documentos mencionam o presente, um órgão já de fole, que o Patriarca Paolino enviou a Carlos Magno. A prosperidade agrícola friulana suscitou a cobiça da Sereníssima República de Veneza, ainda carente de um “Hinterland” para complementação da sua economia. Depois de inúteis tentativas diplomáticas, em meados do século XV Veneza conseguiu ocupar o “Friuli”, graças à traição de um nobre, o conde Savorgnan (de cuja família sairia no nosso tempo aquele Savorgnan de Brazzá, explorador do Congo Belga, que legou o seu nome à capital Brazzaville). Com a ocupação veneziana, a capital foi transferida de Aquiléia para Udine, e foi transferido para Udine o Patriarcado, mais tarde definitivamente levado para Veneza. Com a ocupação veneziana, deu-se um fenômeno interessante, destinado a firmar ulteriormente a força da língua friulana. Enquanto a burguesia udinesa logo se adaptou aos hábitos dos ocupantes adotando o dialeto veneziano como veículo de comunicação, o povo e toda a aristocracia rural permaneceram fiéis à língua friulana, nesta altura já muito bem definida no conjunto das estruturas lingüísticas reto-romanas. Não por acaso, portanto, o maior poeta friulano será o conde Ernes de Colloredo, rico dono de terras, cantor da natureza e dos prazeres da vida rural.

O “Friuli” permaneceu veneziano até 1797, quando Napoleão, com o tratado de Campoformido (arredores de Udine), cedeu a República de Veneza à Austria. Somente em 1865 o “Friuli” foi anexado ao Reino da Itália no fim da primeira guerra mundial. Depois da Segunda guerra mundial a Iugoslávia anexou uma faixa do “Friuli” oriental, de etnia mixta ítalo-eslovena.

De uma língua friulana reto-romana os primeiros documentos remontam ao século XII. E no século XIII já era bem definida em sua personalidade, ao ponto de atrair as atenções e o desprezo de Dante. De fato, o grande poeta, examinando no tratado “De vulgari eloquentia” dialetos e línguas da península itálica, em busca do felizmente não realizado “vulgar ilustre”, diz dos friulanos que eles “horribile eructant Ce fastu”. Mas os friulanos perdoaram a incompreensão dantesca da forte musicalidade da língua friulana. E aquele “ce fastu” (que fazes ?), que ainda hoje soa como na Idade Média, tornou-se o título da Revista de Estudos Filológicos Friulanos que periodicamente se edita na cidade de Udine.

Qual é, então, o caráter desta língua friulana? Em matéria de vocabulário, 90% é representado por radicais latinos; o restante é de origem celta, e infelizmente tende a desaparecer pela influência da italianização. Por exemplo, para indicar os lençóis, os jovens preferem hoje o termo linzui por influência do italiano lenzuola, quando o autêntico termo friulano ainda empregado pelos velhos, principalmente nas montanhas da Carnia, é o bleóns. Forte é a influência celta no consonantismo (testament, moment, mont, hec, cûr), abrandada no vocalismo dos dialetos italianos. No “Friuli” oriental às vezes radicais eslovenos se misturam com as raízes reto-romanas.

Quando à pronúncia, só poucas influências eslavas aparecem: o som palatalizado ci e gi (Ciase, gial), o som da sciaia (cuz) e um certo ritmo de declamação. Muito interessante é o fato de manter o friulano a quantidade silábica do latim clássico através do acento circunflexo, que praticamente dobra o comprimento sonoro vogal (cûr, lât, istât, Cil) rigorosamente usado nas expressões literárias e na fala familiar.

Do ponto de vista morfológico, uma flexão por gênero e número é normal. O masculino possui terminação consonântica, o feminino vocálica (content-contente; bom-buine; puar-puare). O plural, como nas outras línguas reto-romanas e ibéricas, forma-se com o acréscimo de um s. A assimilação do s final nos muitos nomes masculinos em i produz um final em z (moment-momenz; content-contenz). O feminino vocálico oferece, porém, variedades mini-regionais. O substantivo ciase (‘casa’), por exemplo, torna-se ciasis um território udinês, ciases na zona colinar, ciasass nos arredores de Gorizia, provindo de um singular ciasa.

Um fenômeno singular apresenta a conjunção verbal afirmativa e interrogativa: o pronome pessoal tem dupla forma, a segunda das quais, na interrogação, torna-se enclítica do verbo. Eis, por exemplo, a conjunção afirmativa e interrogativa do presente do indicativo do verbo sei (‘ser’):

Afirmativo

Jò ‘o soi
 Tu tu sês
 Lui al è (Je ‘e Jé) ísal
 No ‘o sin
 Vo ‘o seis
 Lôr ‘e son

Interrogativo

Sojo ?
 Sestu ?
 I ? (Ise ?)
 Sino ?
 Seiso ?
 Sono ?

A sintaxe, por sua vez, acompanha de perto o latim e, principalmente, o italiano.

A literatura, depois de acompanhar espírito e letra das composições dos trovadores provençais e ocitânicos, exibe um grande florescimento na Renascença, culminando na personalidade do já mencionado conde Ermes de Colloredo, ao ramo austríaco de cuja família pertencerá aquele Colloredo arcebispo de Salzburg, opressor incauto do gênio de Mozart. Eis, a título de exemplificação, um soneto do conde Ermes, ainda petrarquês no espírito e na forma, em que o “carpe diem” oraziano e renascentista adquire entonações de melancólica sabedoria.

L’orloi

Chel tic-e-toc cu conte ogni moment
Ju pàs che il timp misure in nestri dan,
e veloz trapasant dal nês a l’an
cun chei pàs nus conduz al monument,

Polimie, pense pur che a chel concent
Ance i flòrs dal to volt ‘e sparirán,
E, ad onte dal to fast, prest finirán
La tó crudel beltât e il miò torment.

Cheste é fatalitât de uman destin,
Che ogni biel à cajù curte durate
E un pizzul pàs è dal principi al fin.

Pietôse tu al miò amor comcêl l’entrade,
Se no, crodilû pur, pentîz sarín
Tu di vemi sprezzât, jò tant amade.

O relógio

Aquele tic-e-toc que conta cada momento
dos passos que o tempo mede para nosso
prejuízo, e passando veloz do mês ao ano,
por aqueles passos nos leva à tumba,

Pensa, Polímia, que ao ritmo daquele
som também as flores do teu rosto
desaparecerão, e, apesar da tua beleza,
cedo acabarão a tua cruel beleza e o
meu tormento.

Eis a fatalidade do destino humano,
que aqui na terra tudo que é bonito
dure pouco e há um pequeno passo
do princípio ao fim.

Pois, corresponde prazerosamente ao
meu amor; do contrário, acredita, nos
arrependeremos, tu de ter-me desprezado,
eu de ter-te amado tanto.

No romantismo outra grande figura de poeta se nos apresenta, Pietro Zorutti, que Francesco Flora menciona na sua História da Literatura Italiana, embora com a ressalva de não poder analisar a sua poesia por ignorar a língua friulana. No romantismo aparece também uma rica narrativa, na qual brilha principalmente o

nome de uma ilustre dama, a condessa Caterina Percoto. O florescimento literário continua no nosso século, sempre com as mesmas características fundamentais da alma lírica friulana: amor pela natureza dos campos e pela vida campestre, sentimento elegíaco, ternura amorosa desprovida de sensualidade e rica de sentimento familiar, culto das memórias, com o fundo da comedida melancolia de um povo que viveu as invasões e destruições bárbaras e todas as grandes guerras, até a primeira guerra mundial que se desenrolou no seu território. De tal sensibilidade é um belo exemplo uma poesia de Arturo Zardini que, na sua linda roupagem musical, se tornou parte do patrimônio sentimental e etnofônico da região. Quem canta é um soldado que morreu na primeira guerra.

Stelutis alpinis

Se tu vens cassú tas cretis
lá che lôr mi àn soterât,
Al è un spláz plen di stelutis;
Dal miò sanc l'è stât bagnât.

Par segnâl une crosute
Jé scolpide lí tal crèt;
Fra ches stelis nás l'jarbute:
Sot di lôr jò duâr cujèt.

Ciol, sú ciol une stelute:
Jé 'e ricyarde il nestri ben;
Tu i darâs one busadute,
E po plátile fxx tal sen.

Quan che a ciase tu sês sole
E di cûr tu prêis par me,
Il miò spirt atôr ti svolte:
J'e la stele 'o sin cun te.

Estrelas dos Alpes (Edelweiss)

Se você vier aqui nos rochedos,
onde eles me sepultaram,
Há uma clareira cheia de estrelas
que foi banhada pelo meu sangue.

Como sinal um pequeno cruzeiro
está esculpido na pedra.
Entre aquelas estrelas nasce a grama;
Abaixo delas eu durmo quieto;

Colhe, colhe uma estrela,
ela lembra a nossa felicidade;
dar-lhe-ás um beijo
e depois a esconderás no peito.

Quando estiveres sozinha em sua casa,
rezando por mim de coração,
o meu espírito voará em tua volta:
eu e a estrela estaremos contigo.

Finalmente, comprovando a natureza elegíaca da poesia friulana, gostaria de mencionar um poesia delicada, de lindas imagens e de benevolente sorriso, que me é particularmente cara. O autor é um advogado udinês, inquilino - então - da minha avó, que durante a minha infância eu via passar todos os dias diante da nossa casa, enorme, severo e quase intratável, como freqüentemente soem ser os friulanos.

Mal poderia eu pensar então que naquele corpanzil sempre trajado de preto se escondesse uma alma tão suavemente lírica. Eis portanto “Lis stelis” (‘as estrelas’) de Enilio Nardini:

A recuèi ti vòì lis stelis
tal gran prât dal firmament;
empli il zèi cu lis pluì bielis,
e pò torni dal moment.
Planc planchin, une par une,
vie pe gnot uei lá cirfnt:
mi farai prestà de lune
la só sesule d’arfnt.
Cui sa l’Albe, simrpi usade
a ciatalis co vem fûr,
cui sa mai se invelegnade
no vorà tornà in daûe.
O viodint che a ti lis doi,
dute in grinte di dirà:
“No ti bastino i tiei voi ?
Lis mes stelis dami cà.”

Vou recolher para ti as estrelas
no grande prado do firmamento;
vou encher a cesta com as mais
bonitas e volto já.
Devagar devagar, uma por uma,
quero ir procurando na noite.
Pedirei devagar que a lua me empreste
a sua foice de prata.
Quem sabe se a Aurora, acostumada
a encontrá-las quando desponta,
quem sabe se contrariada
não vá querer voltar atrás.
Ou vendo que as dou a ti,
dir-te-á duramente:
“Não te bastam os teus olhos ?
Devolve as minhas estrelas.”

Finalmente não poderia deixar de lembrar que Pier Paolo Pasolini, friulano por parte de mãe e por formação, começou a carreira literária como poeta em língua friulana.

Ao lado da produção erudita, há, porém, no “Friuli”, uma intensíssima produção popular, na forma de “vilote”, quadra de setenários com rima alternada. As dezenas de milhares dessas singelas expressões do povo, anônimas e fixadas no patrimônio sentimental da região, bem refletem a seriedade, a ternura, a personalidade “fuarte e gentil” daquela gente curtida pela luta contra a natureza e os conflitos humanos,

Quero mencionar apenas uma, que foi cara a Gabriele D’Annunzio:

A murí, murí pazienze.
In chest mond no vîn di stá.
Ma jé dure la sentenze,
No savé lá che si va.

Morrer, morrer, paciência.
Neste mundo não podemos ficar.
Mas é dura a sentença,
Não saber para onde se vai.

Terminando, quero lembrar a intensa atividade de pesquisas e estudos filológicos conduzidos pela Sociedade Filológica Friulana e editados no periódico Anuário e na Revista “Ce fastu”. Por sinal entre os mais recentes estudiosos da filologia friulana tem posição proeminente Pier Paolo Pasolini, que sempre manteve estreita ligação com as suas raízes.

História, língua e literatura revelam então a mesma “Weltanschauung”: duro trabalho nos campos, convívio com a natureza, amor devotado e gentil, simplicidade e firmeza. Se há uma musa friulana, em todas as suas expressões, líricas e sociais, ela é uma musa agreste, bucólica e coletiva, a qual faz com que os friulanos nunca se exibam em solismo vocal ou em vaidades sociais, mas sempre cantem em coro, a três ou quatro vozes, as antigas e as novas “vilotis” entre uma vindima e um batizado.